

Levantamento de adornos usados por mulheres da elite soteropolitana, na segunda metade do século XIX

Pollianna dos Santos Ferreira Silva¹; Edson Dias Ferreira²

¹ Orientanda, Graduanda em Licenciatura em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, email:

polliannasantos@gmail.com

² Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, email:

edson.orientacaomestrado@yahoo.com

PALAVRAS-CHAVE: mulher, moda, século XIX

INTRODUÇÃO

Este texto tenciona informar, em linhas gerais, os percursos da pesquisa *Levantamento de adornos usados por mulheres da elite soteropolitana, na segunda metade do século XIX*. Esta pesquisa começou na modalidade PROBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), permanecendo por três meses e, depois, teve continuidade como PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), durante seis meses.

Durante esta iniciação científica, a seleção e a reunião de dados sobre a moda foram embasadas em sites internacionais como o Victorian and Albert Museum (museu que surgiu no século XIX e até hoje é uma importante referência em moda), Lês Arts Decoratifs, The Metropolitan Museum of Art, além de livros, tais quais os de Mello e Souza (1950), Lurie (1997), Laver (2008), Milleret (2012), para já não nomear os artigos acessados. Como parte desta investigação necessita de uma pesquisa *in loco*, viajar à Salvador tornou-se essencial. Lá, os espaços visitados enquanto pesquisadora foram o Museu Henriqueta Catharino (este, por sua vez, é um dos maiores museus, no território sul-americano, acerca do traje e do têxtil), Museu Carlos Costa Pinto, Museu de Arte da Bahia e o Arquivo Público da Bahia. Além disso, como as atividades da pesquisa prosseguiram mesmo depois do desvinculamento há seis meses, visitou-se também o museu francês Lês Arts Decoratifs – informalmente, convém salientar –.

Conforme os dados acumularam, as discussões do âmbito dos gêneros, das hierarquias de poder e da identidade costuraram-se em um mosaico de faces sobre a moda e os costumes desta soteropolitana de elite. Deste modo, tantos os artigos encontrados no NEIM (Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher) e em outros cadernos voltados aos estudos de gênero, quanto teses que contemplam tais discussões, como é o caso de Reis (2000), fizeram parte de um estudo acerca das teorizações em relação ao corpo da mulher. A preocupação com o corpo desta mulher de elite justifica-se pela própria abordagem do projeto, uma vez que se trata de um uso específico, em uma periodização determinada. Ademais, é complicado desassociar a moda e o corpo, já que a primeira se materializa e é idealizada no segundo.

Para já, vale alertar que estes artigos e algumas teses, em face dos dados coletados, principalmente no museu Henriqueta Catharino, foram comparados e analisados à luz de

teorias, por assim dizer, geradoras do próprio debate contemporâneo sobre a mulher e as hierarquizações sociais, as quais ela faz parte assimetricamente: trata-se, aqui, das ideias de Beauvoir (1980), em *O Segundo Sexo*, e mesmo de Spivak (2008), em *Podem os subalternos falar?*. Estes textos foram tão fundamentais para a discussão, quanto a reflexão sobre identidade e fronteiras de Bhabha (2000). Esta reflexão foi motivada, sobretudo, pelo questionamento da real dimensão da influência europeia, nos trajes das endinheiradas de Salvador.

RUMOS DA PESQUISA

Os livros sobre a mulher de elite europeia, em geral, e acerca da mulher de Salvador, além dos artigos e informações de sites de moda (Victorian and Albert Museum, Les Arts Decoratifs, Museu Henriqueta Catharino, Museu Carlos Costa Pinto, Musée Galliera, Museu Nacional do Traje, Musée du costume et du textile du Québec, Musée de l'Impression sur Etoffes) foram fichados e armazenados em uma ficha que atendessem, no caso dos museus, as principais informações sobre as localizações e os dados disponíveis e, no caso dos livros e artigos, que listasse as partes fulcrais para o desenvolvimento da pesquisa.

Na visita aos museus Henriqueta Catharino e Carlos Costa Pinto e ao Arquivo Público da Bahia, o registro de fotografias teve, no total, mais de 560 arquivos. Estas fotografias foram realizadas sem qualquer pretensão estética, cumprindo unicamente o intuito de armazenar os dados dispostos nos museus. Elas, igualmente, não foram catalogadas e estão nos arquivos do LabImagem – UEFS (Laboratório de Imagem – Universidade Estadual de Feira de Santana).

APAGAMENTO DE DADOS? UM QUESTIONAMENTO QUE PAIRA

A priori, pode parecer assente uma “europeização” da soteropolitana endinheirada, em face do seu *status quo*. Entretanto, há um fator que entra em descompasso com esta primeira consideração: a própria formação do território baiano. Esta denominada “europeização” pode dizer respeito, na realidade, a um projeto intelectual baiano, principalmente na Belle Époque imperfeita que Heráclito Filho (1998) refere, de uma verdadeira anulação e silenciamento dos costumes ligados aos subalternizados, nomeadamente, aos escravos, antes da abolição, e, mais tarde, com o povo – majoritariamente formado por negros, legalmente libertos, e mestiços – . A inexistência da presença de elementos africanos no vestuário feminino de elite parece pouco crível. Mais do que isto, esta tentativa de apagamento pode estar associada à posição que a mulher escrava, e mais tarde, a do povo ocupava naquela sociedade, duplamente subalternizada. Ela, aparentemente, não teria qualquer papel atuante na contribuição dos hábitos e costumes de tal grupo de elite. Contudo, a distância geográfica com o continente europeu e o acesso demorado às novidades da moda de lá são um peso que contrabalança positivamente para ideia da interferência de elementos africanos neste vestuário.

Levantar a possibilidade de um apagamento de dados só foi crível pela presença de miçangas, em alguns adornos da soteropolitana, no caso, as bolsas encontradas no Museu Henriqueta Catharino, e as declarações de firmas, disponíveis no Arquivo Público da Bahia, que comprovam a comercialização destes elementos, em território baiano. São duas as bolsas, ambas de 1892, a primeira de miçangas brancas e pretas e, a segunda, de miçangas coloridas e brancas. Esta particularidade é notória, uma vez que são itens que não foram detectados nas descrições de sites europeus de moda da época nem em livros. Mas mais do que isso, são elementos que também não foram detectados em outros objetos do museu baiano. O motivo de sua importância nada mais é que a procedência do uso de miçangas. Elas aparecem em máscaras de rituais de países africanos e em adornos, em consoante ao que diz Meyer (2012). Seguindo esta análise, a reflexão desta pesquisa voltou-se também na produção intelectual

reunida, durante a iniciação científica. Daí a inserção de leituras como Beauvoir (1980) e Spivak (2010). O padrão de análise de Beauvoir (1980), em *O Segundo Sexo*, está presente na grande maioria dos artigos encontrados sobre a mulher soteropolitana, sobre as suas formas de sociabilidade, de educação e de estar no mundo. Mesmo teses como as de Reis (2000), recorrem, de um ou de outro modo, aos textos da medicina da época, da Igreja Católica e dos jornais e revistas da época. Esta aproximação com a lógica argumentativa de Beauvoir ultrapassa a importância de seu trabalho: na explanação desta filósofa, embora as classes sociais diversificadas estejam apontadas em várias passagens, o objeto de sua análise é maioritariamente voltado ao cenário da mulher endinheirada. É neste mesmo sentido que a bibliografia encontrada se prende e não consegue escapar. É neste ponto que Spivak (2010) torna-se um elemento chave: ao mostrar que a subalternidade feminina repousa também nas relações de classes, evidenciando que a mulher pobre é duplamente subalternizada pela sua exclusão no que tange ao conhecimento e, mais do que isso, pelo simples fato de ser mulher, implica em dificilmente ser ouvida. É inegável, a mulher de elite tinha (e ainda tem) mais privilégios. O apagamento da participação popular no vestuário de luxo pode estar correlacionado também com a ausência da participação deste nicho, na produção intelectual da época.



Figura 1: Bolça de micangas, 1892. Disponível no Museu Henriqueta Catharino.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES QUE NÃO SÃO DECISIVAS

Em face de tal questionamento, difícil é não assomar a questão identitária. Pode-se nomear estas particularidades como pertencentes de um contexto multicultural, já que estamos falando em uma gama de traços culturais de diversos povos? Se for entendido no sentido de Bhabha (1998) como ruptura com as categoriais da identidade, por esta parecer, a seu ver, demasiadamente fixa e incapaz de explicar as fronteiras entre as culturas, esbarra-se em um problema: é justamente por estas fronteiras existirem que as questões da classe, das hierarquias de poder e do sexismo tornam-se evidentes. Estas fronteiras não conseguem romper com todo um sistema que converge em opressão. É claro que esta pesquisa não pretende apontar respostas definitivas, antes disso, propõe-se a interpretar e analisar criticamente os dados encontrados à luz dos textos teóricos vistos no decorrer deste resumo. Seria necessário realizar uma pesquisa mais profunda, dotada de mais tempo do que a atual, sobre os dados do vestuário feminino, percorrer outros documentos que dessem conta de uma descrição da indumentária dos escravos e das mulheres pobres (pois o recorte da pesquisa abarca antes e depois da abolição da escravatura) e das mulheres de elite para, aí sim,

efetivamente, tomar um posicionamento que trouxesse uma reflexão mais sólida. No entanto, não se deixa também de apontar aqui determinados posicionamentos teóricos e ideias mais defendidas do que outras, como fica explícito no caso do multiculturalismo, cujos argumentos de fronteiras e da identidade não-fixa não conseguem respaldar a ideia apresentada do possível apagamento elementos africanos do vestuário de elite, pelo contrário, faz com que ela submerja mais ainda.

REFERÊNCIAS

BHABHA, H. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BEUVOIR, S. O Segundo Sexo. Lisboa: Editora Caminhos, 1980.

FILHO, A.H. F. Desafrikanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador(1890–1937). Disponível em:

< http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n21_22_p239.pdf >. Acesso em: 16 ago 2012.

LÊS ARTS DECORATIFS. Informações sobre a moda do século XIX. Disponível em: <<http://www.lesartsdecoratifs.fr/>>. Acesso em 16 ago 2012.

MUSEÉ DU VESTIMENT ET TEXTILE DU QUÉBÉC. Informações sobre a moda do século XIX. Disponível em: <<http://www.museevirtuel-virtualmuseum.ca/VMC/GetMuseumProfile.do?chinCode=gumms1&lang=en>>. Acesso em: 16 ago 2012.

MUSEÉ GALLIERA. Informações sobre moda do século XIX. Disponível em: <<http://www.paris.fr/pratique/musees-expos/musee-galliera/p5854>>. Acesso em: 16 ago 2012.

MUSEU CARLOS COSTA PINTO. Informações sobre acessórios do século XIX. Disponível em: <<http://www.museucostapinto.com.br/casal.asp>>. Acesso em: 16 ago 2012.

MUSEU HENRIQUETA CATHARINO. Moda do século XIX. Disponível em: <http://www.institutofeminino.org.br/henriqueta_catharino/index.php?local=henriqueta_catharino>. Acesso em: 31 mai 2012.

REIS, A.D. Cora: lições de comportamento da mulher de elite na Bahia do século XIX. Salvador: FCJA, 2000.

SOUZA, G.de M. O Espírito das Roupas. Companhia das Letras, 1993.

SPIVAK, G. Podem os subalternos falar? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART. Moda do século XIX. Disponível em: <<http://www.metmuseum.org/Collections/search-the-collections/90032820?rpp=20&pg=1&ft=costume+of+century+19&pos=17>>. Acesso em: 17 mai 2012.

VICTORIA AND ALBERT MUSEUM. Moda do século 19. Disponível em: <<http://www.aviewoncities.com/london/victoriaandalbertmuseum.htm>>. Acesso em 17 mai 2012.

